

25

Carolina e Agenor

I

— Não posso mais! Estou resolvida!

— Não diga isso. Fique mais calma. Somos espíritas e...

— Não, Agenor! Não quero mais filhos. Nem esse e nem a possibilidade de outros. Estou decidida.

— Se houvesse realmente necessidade... Mas você está forte, robusta... Isso é meia-morte. Pense bem. Olhe o "deixai vir a mim os pequeninos!..."

— Não. E' muita gente que faz isso, porque não posso fazer? Vou agora ao hospital tratar de meu caso... Estou resolvida.

Assim falando, Carolina ralhou com os três filhos pequenos e deixou a casa, nervosa, acompanhada de Agenor.

II

— Quero falar com o doutor. Ele está?

— Minha senhora, ele está operando agora. Não deve demorar muito.

Nisso, um senhor ao lado pergunta:

— Quem está ele operando? E' uma senhora loura?

E o porteiro, respeitoso, respondeu em voz baixa:

— Não, meu senhor. E' uma senhora que acaba de chegar perdendo muito sangue. E' alguma coisa de aborto. Está passando muito mal.

Agenor olhou significativamente para Carolina...

III

— A senhora loura é sua parenta? — pergunta Carolina, ao vizinho da poltrona.

— Sim. E' minha tia.

— De que se vai operar?

— Ela, minha senhora, desde que perdeu o último filho, está perturbada. Vão fazer uma operação na cabeça dela, para ver se melhora o gênio.

Agenor voltou a olhar expressivamente para Carolina...

IV

Eis que passam dois homens em avental

branco, e Carolina, atenta ao movimento em torno, na expectativa de falar ao facultativo, ouviu, de relance:

— As cifras estatísticas de câncer uterino são avultadas — disse um.

— E aqui, na região, a incidência é grande? — pergunta o outro.

— Muitíssimo. Basta ver que a enfermaria feminina sempre está com três a quatro casos...

Agenor, ainda uma vez, olhou incisivamente para Carolina...

V

Carolina levanta-se, resoluta.

Agenor segue.

Vão transpondo a porta principal da casa de saúde, quando o solícito porteiro inquire:

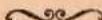
— Não vai esperar, minha senhora?

— Não, meu amigo. O doutor está demorando. Preciso cuidar das crianças. Obrigada. Até logo.

— Então, Calu, em que ficamos? — pergunta Agenor, ao descer a rampa do hospital.

E Carolina responde:

— Não, Agenor, dos males o menor. Fico assim mesmo...



Graças a Deus!

Sózinho. No velho "Sítio da Quitéria", que herdara dos avós, Anselmo Pires, apesar da movimentação dos empregados, sentia-se sózinho.

Desde que a morte lhe arrebatara Antônia, a companheira de muitos anos, estava espiritualmente só na casa grande.

A princípio adoecera. Acamado, pedia que lhe dessem veneno. Queria desertar da existência, abandonar o mundo...

Amigos, porém, chegaram generosos e providenciais. E o velho Pires foi conduzido a um templo espírita, à procura de socorro moral. Embora desarvorado, começou a ouvir as interpretações do Evangelho, em novo sentido, e começou a melhorar. As palavras de fé e amor que escutava, atento, penetravam-no como bálsamo santo. Os livros espíritas, desempenhando o papel de conselheiros silenciosos, imprimiram-lhe novo rumo às meditações. A prece, no ambiente dos companheiros, parecia-lhe agora alimento insubstituível.